

CARMO ESTATE COFFEES

DESAFIOS E CONQUISTAS MARCARAM ANO

SILAS BRASILEIRO
DEPUTADO FEDERAL E PRESIDENTE DO CNC

SILVIA PIZZOL
ASSESSORA TÉCNICA DO CNC





O ano de 2015 trouxe desafios, mas também conquistas para a cafeicultura brasileira. Tivemos o direcionamento dos recursos do Fundo de Defesa da Economia Cafeeira (Funcafé) para o setor produtivo nacional, a alteração da estrutura do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), o registro definitivo de um agroquímico para o controle da broca e a promoção dos cafés das cooperativas brasileiras na Expo Milão 2015, na Itália.

Apesar das dificuldades econômicas e políticas vivenciadas pelo País, a cafeicultura foi beneficiada com orçamento recorde do Funcafé. Isso evitou maiores perdas na renda da atividade, diante das condições climáticas adversas de 2014 e do início deste ano. Assim, preservou-se a função do Fundo, de ordenar a oferta nacional e beneficiar os cafeicultores contra quedas bruscas de preços.

Embora o Conselho Nacional do Café (CNC) tenha demandado, via Conselho Deliberativo da Política do Café (CDPC), a manutenção dos encargos financeiros nos mesmos níveis de 2014, a conjuntura econômica do País não permitiu o atendimento deste pleito. Em contrapartida, foi conquistada a manutenção, em 4,5% a.a., da remuneração dos agentes financeiros, vital para não reduzir a longevidade do Funcafé, que não possui realimentação há mais de dez anos.

Para 2016, o setor, junto ao governo federal, sugeriu novo orçamento recorde, de R$ 4,632 bilhões (+12%), com ampliação: (i) na linha de estocagem, para R$ 1,752 bilhão (+16,3%); e (ii) no FAC, para os compradores estarem capitalizados e pagarem valores justos e condizentes com as realidades dos altos custos de produção.

Estruturação no MAPA

O MAPA passou por uma reestruturação, com a extinção da Secretaria de Produção e Agroenergia (SPAE) e do Departamento do Café, até então

responsáveis pela gestão dos assuntos inerentes à cafeicultura. Esta função foi para a Secretaria de Política Agrícola (SPA), distribuída nos Departamentos de: Comercialização e Abastecimento, na Coordenação-Geral de Frutas, Florestas e Café (responsável pelo apoio aos trabalhos do CDPC); e Crédito, Recursos e Riscos, na Coordenação-Geral de Gestão de Recursos (responsável pelo Funcafé).

O CNC coordenou com as demais lideranças as preocupações com a ministra Kátia Abreu. Havia necessidade de se manter a estrutura destinada para garantir agilidade e eficiência nas respostas às demandas da cadeia produtiva do café. O pleito foi bem-sucedido, com a manutenção do quadro de funcionários e maior atividade do CDPC e seus Comitês tornando-se mais ativos.

Broca-do-café

Em relação ao combate da broca-do-café, desde a proibição da comercialização do endosulfan, o CNC realiza gestões junto ao Governo. Pleiteávamos o registro de produtos no combate à praga, de modo a excluir a necessidade de anúncio e renovação anual de emergência fitossanitária nos estados produtores do Brasil.

Pelo menos um produto teve seu processo de registro finalizado e seu certificado emitido. O prazo legal para a publicação no DOU (Diário Oficial da União) vai até a primeira quinzena de dezembro de 2015.

Para esse sucesso, registramos o empenho e o trabalho desenvolvidos pelo *staff* do MAPA. Isso contribuirá para os tratos culturais e evitará as perdas com a broca nos cafezais. Reforçamos a necessidade de se analisarem e registrarem mais produtos, para promover maior competição e evitar sobrepreços no mercado.

Promoção dos cafés do Brasil

"Impressionados com a qualidade do café filtrado brasileiro". Essa é a melhor definição para elucidar a impressão do público que passou pelo Pavilhão do Brasil na Expo Milão 2015, na Itália.

RECURSOS DO FUNCAFÉ EM 2014 E 2015
(R$ MILHÕES)

Linhas de financiamento	2014 (a)	2015 (b)	Juros 2015	Var % (b/a)
Custeio	845	950	8,75%	12,4%
Estocagem	1.300	1.506	8,75%	15,8%
Aquisição de café[1]	750	750	10,50%	0,0%
Capital de giro[2]	900	900	10,50%	0,0%
Outros[3]	30	30	8,75%	0,0%
Total	3.825	4.136	–	8,1%

[1] Para cooperativa, a taxa de juros é de 8,75%
[2] Indústria de solúvel; torrefação e cooperativa de produção
[3] Opções privadas e mercado futuro e cafezais danificados
Fonte: CNC

Por meio de um trabalho de levantamento de recursos desenvolvido pelo CNC com o apoio da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) e de suas associadas Cooperativa Regional de Cafeicultores em Guaxupé (Cooxupé), Cooperativa de Cafeicultores e Agropecuaristas (Cocapec), Cooperativa dos Cafeicultores da Zona de Três Pontas (Cocatrel), Cooperativa dos Cafeicultores da Zona de Varginha (Minasul) e Cooperativa Central de Cafeicultores e Agropecuaristas de Minas Gerais (COCCAMIG), o País realizou, na Expo Milão, uma série de ações comemorativas ao Dia Internacional do Café, que, pela primeira vez, foi celebrado oficialmente pela Organização Internacional do Café (OIC).

A Associação Brasileira de Cafés Especiais (BSCA), membro do CNC, foi responsável pelas ações comemorativas no Pavilhão, que é coordenado pela Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil). Foi realizado um *workshop* de demonstração de preparos de café filtrado – método não comum de consumo na Itália (o expresso predomina) e nos demais países do mundo e que permite uma melhor apreciação das características do café nacional – que foi conduzido pelo barista brasileiro Eduardo Scorsin, quarto colocado no Campeonato Mundial Coffee in Good Spirits 2015. Além disso, o Brasil ofereceu cerca de 10 mil doses da bebida filtrada, preparada em equipamento Bunn e "*third wave*".

CUSTOS DE PRODUÇÃO PARA 2016

BRENO MESQUITA
PRESIDENTE DA COMISSÃO NACIONAL DO CAFÉ DA CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO BRASIL (CNA)

FERNANDO RATI
ASSESSOR TÉCNICO DE CAFÉ NA CNA





As diferenças no Custo Operacional Efetivo (COE) retratam a existência de distintos perfis de cafeicultura no País, categorizados especialmente pelas condições de declividade em que a propriedade está inserida.

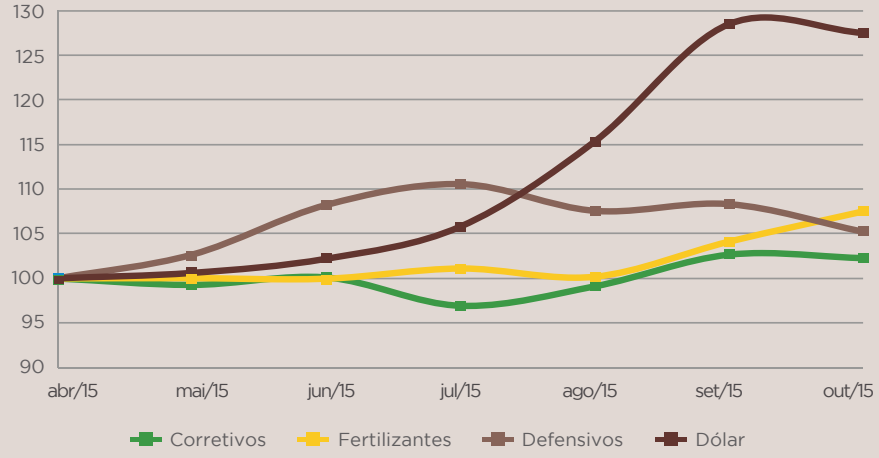
Como parte do Projeto Campo Futuro, anualmente, são realizados painéis para levantamento de custo de produção em doze praças produtoras de café. A grande diferença entre os valores apurados está na participação do item Colheita e Pós-colheita no COE: de 37% nos relevos montanhosos (dependência do uso de mão de obra) e de 16% nas áreas mais planas (maior emprego da mecanização).

Por sua vez, os fertilizantes, os defensivos e os corretivos representam a maior parte do custo nas regiões mecanizáveis (em média, 45% do COE).

No caso das regiões produtoras de café Conilon, entre abril e agosto de 2015 os fertilizantes aumentaram por saca 13,56%: de R$ 39,37 por saca para R$ 44,27. O município de Itabela-BA, com 31%, registra a maior participação do custo com fertilizantes no Custo Operacional Total (COT), que compreende os desembolsos do ano agrícola somados às depreciações de máquinas, implementos, benfeitorias, equipamentos de irrigação e lavouras, e o pró-labore. Para as praças produtoras de Cacoal-RO e Jaguaré-ES, os fertilizantes participam de 15% a 16% no COT.

As valorizações do dólar em relação ao real impactam em alta os preços dos insumos de produção, principalmente fertilizantes e corretivos. A persistência de alta na taxa de inflação também preocupa o setor.

CUSTOS MÉDIOS COM INSUMOS AGRÍCOLAS NA PRODUÇÃO DE CAFÉ ARÁBICA E TAXA DE CÂMBIO
(VARIAÇÃO ACUMULADA ENTRE ABRIL E OUTUBRO DE 2015 – BASE 100)



Fonte: Campo Futuro 2015 (CNA/CIM-UFLA)

É importante considerar a redução do potencial produtivo das lavouras frente às duas estiagens consecutivas enfrentadas pela cafeicultura brasileira. Para a próxima safra, isso certamente demandará maior investimento em tratos culturais para a recuperação das árvores. Como resultado, a margem líquida do cafeicultor poderá ficar significativamente comprometida.

Em função da instabilidade econômica e política do Brasil, aliada à tendência de alta do dólar para 2016, o custo com insumos e mão de obra deve alcançar valores maiores do que os praticados em 2015.

Diante desse cenário, a necessidade de o produtor acompanhar a evolução dos custos de produção ficou bem mais premente. As decisões relativas às despesas e à comercialização do café exigirão análises acuradas.

CUSTO OPERACIONAL EFETIVO (COE) POR SACA DE 60 QUILOS

LOCAL	COE	Topografia
Guaxupé-MG	R$ 454,82	Montanhosa
Luís Eduardo Magalhães-BA	R$ 212,62	Plana

Fonte: Campo Futuro 2015 (CNA/CIM-UFLA)

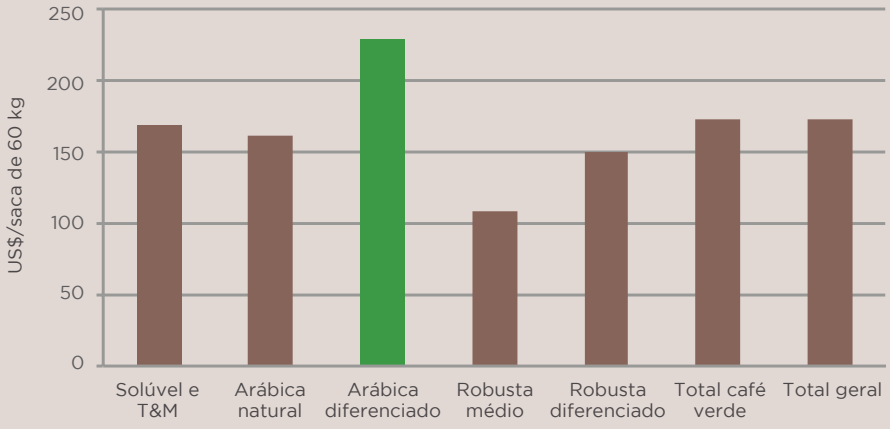
CAFÉ CRU ESPECIAL COM AGREGAÇÃO DE VALOR

VANÚSIA NOGUEIRA
DIRETORA EXECUTIVA DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉS ESPECIAIS (BSCA)



Ouvimos, muitas vezes, a afirmativa equivocada de que agregação de valor se dá somente por meio de processos de industrialização. No setor do café, é muito comum encontrarmos comparações entre o preço da saca de café vendida pelo produtor e o valor pago pelo consumidor final por uma xícara. Se multiplicarmos o valor de cada xícara de café expresso pela quantidade total potencial de xícaras que podem ser preparadas a partir da saca de 60 kg, a comparação chega a ser absurda.

EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CAFÉS
PREÇO MÉDIO (US$/SACA)



Fonte: CECAFÉ

NOVO POSICIONAMENTO

Os cafés finos saem do processo de venda dos cafés comerciais e são negociados em formatos bastante distintos, com valores diferenciados e contratos de médio e longo prazos. A partir de uma excelente xícara de café, todo comprador qualificado do produto, seguramente, vai querer saber sua procedência e entender a história de quem está por trás de grãos tão saborosos. Assim, os profissionais de *marketing* introduzem os conceitos de origem e identificação de produto.

Muitas são as ações realizadas na produção nacional. Além da busca incessante pela qualidade, os cafeicultores organizam-se em grupos para o desenvolvimento de microrregiões, na busca pela notoriedade, com base nas características peculiares de cada região; a partir desse conjunto de atributos, buscar o reconhecimento, a valorização e a proteção das indicações geográficas.

Não todos podemos dizer que cumprimos os passos. Com dimensões continentais e escassez de recursos, o País possui mais de 300 mil propriedades cafeeiras. Há muito ainda para ser feito. O *kit* "Qualidade, notoriedade, história e muito trabalho" é a estratégia para nos posicionarmos no mesmo patamar dos concorrentes.

A conta não é tão simples assim. Existem perdas para o café encontrar o ponto e a curva de torra ideal. Ocorrem perdas por desmerecimento ou vencimento, como em qualquer produto de consumo. Os custos do processo envolvem a compra do café *in natura*, a industrialização e a venda. Há muitos serviços demandados nas gôndolas de supermercados, lojas de produtos *gourmet* ou cafeterias.

Para o questionamento se é possível deixar a venda de café simplesmente como *commodity*, a resposta é sim. E o Brasil caminha firmemente nessa direção. A prova está na evolução da exportação e da agregação de valor dos cafés diferenciados brasileiros.

Durante décadas, o Brasil foi conhecido como o maior fornecedor de café de baixa qualidade para o mundo. Temos trabalhado para reverter esta imagem, com a apresentação de uma produção de qualidade, que atende a sustentabilidade dos pontos de vista ambiental, social e econômico. Produzimos café porque gostamos de consumir o produto e, também, para atender os paladares mais exigentes mundiais. Para tanto, precisamos convencer os compradores, sejam importadores ou torrefadores e, também, os baristas a nos ajudarem a mudar a percepção do consumidor final.

CÂMBIO E PRODUTIVIDADE: EXPECTATIVAS POSITIVAS

JEFFERSON CARVALHO
ANALISTA DE INSUMOS AGRÍCOLAS DO DEPARTAMENTO DE PESQUISA E ANÁLISE SETORIAL DO RABOBANK



Para praticamente todas as *commodities* agrícolas brasileiras exportáveis, o mote para 2016 parece ser o mesmo: dólar firme compensa pressão nas cotações internacionais. Para o café, o cenário não é diferente. No Brasil, a queda de 27% das cotações internacionais entre janeiro e outubro de 2015 foi mais do que compensada pela desvalorização de 42% do real no mesmo período. No geral, esse efeito garantiu boas margens para o produtor brasileiro durante o período, e essa tendência deve ser mantida também em 2016.

Após dois anos consecutivos de déficit no mercado global de café, a expetativa para 2016 é de recupe-

ração dos estoques internacionais. O sentimento generalizado de certo alívio na ponta compradora não deve abrir espaço para preços mais elevados de café na Bolsa de Nova York. Entretanto, a provável manutenção do real desvalorizado deve contribuir com as cotações de café ao produtor brasileiro. Além disso, ao contrário do verificado nas duas últimas safras, para 2016, a expectativa de recuperação da produtividade média também deve favorecer os resultados no campo.

A exceção da tendência positiva para a cafeicultura brasileira em 2016 fica por conta do Conilon. Apesar dos preços positivos e do forte ritmo das exportações – crescimento de 52% até o terceiro trimestre de 2015 –, algumas regiões já apresentam estimativas de perdas superiores a 30% para a próxima safra.

No estado do Espírito Santo, principal região produtora de Conilon no País nos últimos anos, o clima tem castigado os produtores. A falta de chuvas resultou, até mesmo, na proibição da irrigação nas lavouras de café no estado. Esse fato, aliado às elevadas temperaturas médias, deve ter impacto direto no resultado da cafeicultura do Espírito Santo no próximo ano. A expectativa de menor produção de Conilon brasileiro, somada ao corte de mais de 20% nas exportações do Vietnã em 2015, deve continuar a favorecer a procura pelo Arábica, com classificações mais baixas, em especial para atender o mercado interno.

Para a indústria, a estimativa de estagnação, ou até de possível recuo no consumo doméstico, põe panos quentes em planos de crescimento mais agressivos para 2016. Segundo a Associação Brasileira da Indústria de Café (ABIC), na última década, a demanda por café no mercado interno cresceu, em média, pouco mais de 3,5% ao ano. Porém, para o próximo ano, dúvidas em relação à situação macroeconômica brasileira podem ter reflexos negativos no consumo nacional e resultar em certa dificuldade da indústria em repassar preços mais elevados de café ao consumidor final.

A desaceleração do crescimento da demanda pode ser compensada pela procura de cafés de maior valor agregado. Apesar de ainda apresentarem números absolutos relativamente modestos, em valor, as cápsulas já representam 4% do mercado de café nacional. Em 2016, os efeitos de uma economia brasileira mais fragilizada deverão impor o primeiro teste para o segmento de monodose e cafés *gourmet*.

SOLÚVEL NA CADEIA DO CAFÉ

AGUINALDO LIMA
DIRETOR INSTITUCIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE CAFÉ SOLÚVEL (ABICS)



Quando se trata de café solúvel, o Brasil é uma potência global. Sempre liderou a produção e as exportações mundiais, desde a sua implantação, nos idos da década de 1960, posições que se somam com as de primeiro produtor e exportador de café em grãos verdes e de segundo maior país consumidor. Auditadas por certificadoras mundiais, as indústrias possuem mais de vinte tipos diferentes de certificações de gestão e processos. Isso as credencia para quaisquer exigências mundiais de fornecimento.

As indústrias de solúvel, que, na década de 1990, eram onze, hoje são cinco em operação: Cacique e Iguaçu, no estado do Paraná; Nestlé e Cocam, em São Paulo; e Realcafé, no Espírito Santo – todas com mais de quarenta anos de existência.

A matéria-prima mais utilizada é o Conilon (80%), seguido do Arábica (20%). Como possui mais teor de sólidos solúveis, o Conilon proporciona maior rendimento industrial, de 18% a 25% superior ao do Arábica.

A exportação nacional de solúvel está estagnada há mais de cinco anos. Entre 2005 e 2014, o Brasil perdeu participação mundial nas exportações, de 14,3% para 9,9%, segundo a Agência Euromoni-

tor, enquanto o mercado mundial cresceu 28,9%, segundo a Consultoria LMC.

Para aproveitar as oportunidades globais, a ABICS e o Sindicato Nacional da Indústria de Café Solúvel (SINCS) conceberam o Plano de Desenvolvimento do Café Solúvel do Brasil, com os seguintes pontos:

- Ajustes no ICMS, de alto impacto na competitividade das empresas, conforme a sua localização. Dificuldades e prejuízos financeiros na obtenção de seus respectivos créditos tributários;
- Barreiras tarifárias aplicadas pela União Europeia e pelo Japão e preocupação com a Parceria Transpacífica (TPP, na sigla em inglês);
- Ampliação das exportações junto à Apex-Brasil, com o desenvolvimento de um projeto de *branding* e a criação da marca Café Solúvel do Brasil;
- Programas de cooperação e parcerias com produtores de café para a melhoria da produtividade e da qualidade do café;
- Agendas de cooperação de demandas comuns com: ABIC, CECAFÉ, Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e CNC, como parte das estratégias.

Com estas ações, o Brasil continuará na dianteira das exportações, com divisas cambiais superiores a US$ 1 bilhão. Isso significa maior agregação de valor, mais empregos e mais impostos para o País. Os produtores ampliarão as oportunidades de investir na produtividade e na qualidade das lavouras. Ficará estabelecido um círculo virtuoso em que todos ganham. O fortalecimento do café solúvel ajuda a levar o nome do café do Brasil para mais e mais consumidores de todo o mundo.

DESEMPENHO EM 2014

- Capacidade de processamento: 125 mil toneladas;
- Industrialização: 5 milhões de sacas (10% da safra nacional);
- Mercado em milhões de sacas: interno (3,63) e externo (1,00);
- Receita com exportação: US$ 609 milhões.



BSCA

EXPORTAÇÕES: A CAMINHO DA SUPERAÇÃO

EDUARDO HERON SANTOS
DIRETOR TÉCNICO DO CONSELHO DOS EXPORTADORES DE CAFÉ DO BRASIL (CECAFÉ)



As perspectivas para as exportações brasileiras de café são otimistas, apesar de um ano climático e econômico difícil. Com a estiagem no campo, a elevação dos custos operacionais e a alta do dólar, que aumentam as despesas na importação de insumos para a produção, o Brasil fecha 2015 com a surpreendente estimativa de exportação de 36 milhões de sacas, apenas 1,1% menor do que o recorde em 2014.

Com a alta do dólar favorável aos embarques e a competente capacidade do setor em realizar remessas médias de 3 milhões de sacas ao mês, o Brasil exportou 29,9 milhões de janeiro a outubro, somente 0,5% menor ante mesmo período de 2014, mantendo a liderança mundial.

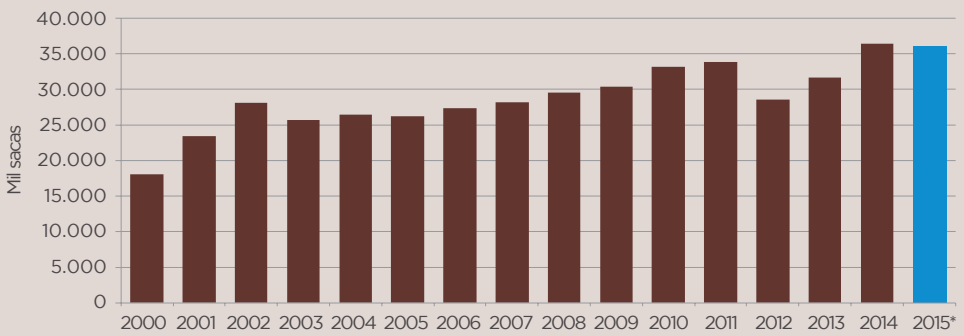
Merece destaque a alta de 10,5% dos embarques de cafés diferenciados, que permitem ao Brasil atender países mais exigentes quanto a qualidade e sustentabilidade. Estes produtos representam 25% das exportações e resultam do esforço na aplicação de boas e sustentáveis práticas agrícolas. Até outubro, EUA, Alemanha, Itália, Japão e Bélgica representaram 70% do total embarcado com diferenciação e geraram US$ 1,182 bilhão.

Dos 195 países reconhecidos pela ONU, o café do Brasil tem penetração em 130 (67%). Também cresce a participação no grupo das nações produtoras, onde a média de avanço do consumo é de 2,5% a.a., e em mercados emergentes, que sobem acima de 4,0% a.a. Vale destacar que, em países onde o consumo *per capita* é expressivo, o Brasil também é o principal fornecedor.

Mas, com as perspectivas de crescimento no consumo mundial, haverá uma demanda adicional de no mínimo 25 milhões, e o Brasil, assim como outros produtores, terá grandes desafios a superar em relação a clima e alta dos custos. Estes problemas começam a influenciar a oferta brasileira, afetada por estiagem e escassez d'água em 2015, reduzindo tamanho e rendimento dos grãos.

Contudo, o Brasil é um gigante que já superou desafios, e o CECAFÉ e os exportadores entendem a necessidade de preparar os cafeicultores para superar os próximos obstáculos. Assim, reformulam o programa Produtor Informado, para alcançar 2 mil produtores em cinquenta cidades, por meio de parceria com a ONG The Sustainable Trade Initiative (IDH), capacitando-os em boas práticas agrícolas e sustentáveis, utilizando a internet para acesso a informações que resultem em boa gestão da propriedade e melhorias na renda. ■

EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CAFÉ



* Estimativa
Fonte: CECAFÉ